

ESTUDO COMPARATIVO DO CONCEITO DE *VALOR LINGÜÍSTICO* EM SAUSSURE E DE *VALOR* EM MARX

Sandino Patriota de Almeida COELHO¹

Graduando em Letras-Português/IFSP-Campus São Paulo

RESUMO

O artigo apresenta um estudo comparativo entre o conceito de *Valor*, conforme descrito por Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, e o conceito de Valor, conforme descrito por Marx, em *O Capital*. Nesta comparação, objetiva-se estabelecer o lugar do *Valor Linguístico* na teoria linguística geral e potenciais áreas de pesquisa. Utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica a partir do referencial teórico constante de ambas as obras e levanta a hipótese de ser a categoria Trabalho a substância que toma forma de *Valor Linguístico*.

Palavras-chave: Linguística. Valor. Valor Linguístico. Saussure. Marx.

Introdução

Os estudos de Ferdinand Saussure² lançaram as bases da ciência linguística como hoje é conhecida e permitiram um conhecimento mais profundo sobre os fatos da língua, estabelecendo categorias fundamentais como o signo, o significante, o significado e o valor linguístico.

De acordo com Bakhtin [Volochínov], a chamada escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato em nosso tempo. Os representantes desta escola estão entre os maiores linguistas contemporâneos. As formulações de Saussure dos conceitos de base da linguística tornaram-se clássicas (BAKHTIN, 2009[1929], p. 87).

De outro lado, quase 50 anos antes de Saussure, Karl Marx desenvolveu pesquisas tendo como objeto não a língua, mas outro produto que é immanentemente humano e é só por este ser social produzido: a mercadoria. Segal (1946) atesta que Marx descobre o caráter real das relações sociais na economia mercantil e revela o mistério da

¹ Endereço eletrônico: sandinopatriota@gmail.com

² F. Saussure não pôde publicar em vida sua obra *Curso de Linguística Geral*. Esta tarefa coube a dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger, que recolheram as anotações do curso para a publicação da obra em 1916.

exploração capitalista escondido nas relações de troca que existem entre operários e capitalistas (SEGAL, 1946).

Curiosamente, pesquisando de maneira totalmente independente, Saussure e Marx encontraram em suas conclusões um mesmo conceito que ocupa papel central em seus trabalhos: o *valor*. A partir de tal observação, este artigo objetiva cotejar, em uma análise preliminar do conteúdo do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006[1916]) e da obra *O Capital* (MARX, 2013[1867]), semelhanças e diferenças de ambos os conceitos de *valor* definidos, seu lugar no interior de cada obra e da teoria geral estabelecida. É objeto deste artigo também propiciar o entendimento das possibilidades de novas pesquisas que uma comparação deste tipo pode trazer.

A partir disso, levantamos a hipótese de que o estudo comparativo das obras de Saussure e Marx pode fornecer uma pista sobre a origem e a constituição da substância que toma a forma de *valor* no processo de troca estabelecido entre fonemas, palavras e estruturas gramaticais. Como ressalta Saussure (2006[1916], p. 136), entender este processo de troca, ou seja, o *valor linguístico*, é questão fundamental para conhecer em profundidade e extensão a totalidade dos fatos linguísticos. A mesma hipótese avança em sugerir o trabalho como o conteúdo da forma *valor*.

O conceito de valor linguístico para Saussure

Saussure deu a conhecer seu conceito de *valor linguístico* quando da publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916. No capítulo IV, Saussure afirma que a língua “é o pensamento organizado na matéria fônica, ou, em outras palavras, que a língua é um sistema de valores puros” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 130).

A teoria linguística de Saussure procura comprovar que um *valor linguístico* apenas existe na comparação e na ‘troca’ entre valores semelhantes e dessemelhantes. Nesse sentido, Saussure faz uma clara separação entre o conceito de *valor linguístico* e o conceito de Significação.

Ao estabelecer o conceito de *valor linguístico*, Saussure reconhece que toma emprestado um entendimento do que ocorre fora da língua. É o que ele reconhece como um princípio contraditório (ou paradoxal) que rege todos os valores:

Para responder a esta pergunta, verifiquemos inicialmente que, mesmo fora da língua todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos: 1° por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2° por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 134)

E mais adiante:

Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma idéia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “*trocada*” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 134)

Dessa maneira, podemos estabelecer que as palavras não estão encarregadas de representar os conceitos *a priori*, o que ocorre é que, no processo da troca de *valores linguísticos* (entre palavra *versus* ideia e palavra *versus* palavra), atribuem-se valores às palavras (ou até a determinadas estruturas gramaticais) que vão além de suas significações. É o conceito de *valor linguístico* que explica o fato de não haver, entre as diferentes línguas, exatos correspondentes de significação, como alguém podia esperar. O *valor linguístico* é, portanto, para Saussure, uma questão central no entendimento dos fatos da língua:

Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me ateno à associação da imagem acústica com o conceito faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da realidade; mas, em nenhum caso, exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 136)

O conceito de *valor linguístico* permanece válido no que se refere ao aspecto material da língua, ou seja, no sistema fonêmico e na escrita. Isso ocorre porque, também aqui, as características de arbitrariedade e diferencialidade são os requisitos para a formação dos significantes, assim como dos significados.

Dessa forma, o *valor linguístico* de um fonema qualquer apenas existe na troca (ou seja, na diferença) com outro fonema. É arbitrário que seja um ou outro fonema,

desde que ele se diferencie dos outros fonemas que constituem aquela língua. O mesmo ocorre com o sistema escrito. A relação entre a escrita e o fonema é arbitrária e o valor de determinada letra ou ideograma aparece na sua diferença em relação às letras e ideogramas de um mesmo sistema. Assim, na concepção de Saussure:

tudo o que precede equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 139)

Saussure segue afirmando que o signo é um valor positivo, que encerra as complexas diferenças do significado e significante em uma unidade também complexa, sendo complexos todos os fatos da língua em seu equilíbrio. Ele prefere dar ênfase ao caráter da língua enquanto uma *forma*, e não como uma substância, afirmando que “nunca nos compenetraremos bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras de designar as coisas da língua provêm de uma suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 141).

Ao evitar encontrar a substância que dá forma ao fenômeno linguístico (ou a substância que tem o fenômeno linguístico como sua forma), Saussure evita encontrar a motivação de ser a língua um sistema de valores; diferenciáveis entre si em um sistema; e arbitrários; limitando-se a constatar este fato.

Portanto, a hipótese levantada neste artigo é a de que o estudo comparativo das obras de Saussure e Marx pode fornecer uma pista sobre a origem e a constituição desta substância.

O conceito de valor para Karl Marx

No livro I da obra *O Capital*, em 1867, Karl Marx explicita seu conceito de valor. No Capítulo 1 desta obra, dedicado à categoria fundamental da economia

capitalista, a mercadoria, Marx revela (com a demonstração de contradições inerentes, semelhantes às chamadas dicotomias saussurianas³) o caráter contraditório do valor (valor de uso e valor de troca) e do trabalho (trabalho concreto e trabalho abstrato) contidos nas mercadorias.

O próprio Saussure reconhece pertinência na comparação entre os conceitos de Economia Política e Linguística, quando afirma:

Ao contrário, a dualidade de que falamos já se impõe imperiosamente às ciências econômicas. Aqui, ao inverso do que se passava nos casos precedentes, a Economia Política e a História Econômica constituem duas disciplinas claramente separadas no seio de uma mesma ciência; as obras surgidas recentemente sobre essas matérias acentuam tal distinção. Procedendo assim, obedecemos, sem nos dar totalmente conta disso, a uma necessidade interior; pois bem, é uma necessidade bastante semelhante a que nos obriga a dividir a Linguística em duas partes cada qual com seu princípio próprio. É que aqui, como em Economia Política, estamos perante a noção de *valor*; nas duas ciências, trata-se de um *sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significado e um significante. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 95)

Admitida a pertinência da comparação, passemos então a descrever o conceito de valor segundo Marx. Para Marx, mercadoria é um objeto externo que detém a característica de ser, ao mesmo tempo, um valor de uso e um valor de troca, ou simplesmente, um valor. A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso (MARX, 2013[1867], p. 114). O valor de uso se efetiva no uso ou no consumo e forma o conteúdo material da riqueza em qualquer sociedade (MARX, 2013[1867], p. 114). No capitalismo, o valor de uso constitui o suporte material do valor de troca (MARX, 2013[1867], p. 114), que é o que nos interessa analisar mais detidamente aqui.

Marx percebe que, no mercado, mercadorias completamente diferentes entre si, em quantidade e qualidade, são trocadas incessantemente. Apesar de completamente diferentes, essas mercadorias são comparadas e igualadas através da troca. Aqui temos uma questão que concerne à noção de valor que Marx percebeu, mas não o percebeu Saussure: uma diferença é, ao mesmo tempo, uma igualdade; em outras palavras, duas coisas diferentes só podem ser trocadas se tiverem algo em comum. Provavelmente, a

³ Tendo Saussure escrito sua obra quase 50 anos após Marx, não podemos afirmar, nem nas obras de Saussure nem em referências de estudiosos da linguística, apontamentos de que Saussure tenha lido Marx.

vantagem do método filosófico utilizado favoreceu Marx para esta percepção, mas esta discussão não é objetivo deste artigo.

Marx descobriu que as diferentes mercadorias se igualam por serem produtos do trabalho. Prescindindo do valor de uso nos corpos das mercadorias, resta nelas uma única propriedade: a de serem produtos do trabalho (MARX, 2013[1867], p. 116). Por estudar economia, Marx avança na determinação da grandeza deste valor de troca, afirmando que: “é unicamente a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor” (MARX, 2013[1867], p. 117).

A contradição inerente ao trabalho é o que, para Marx, motiva a contradição inerente ao valor na mercadoria:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (MARX, 2013[1867], p. 124)

Descobertas as dicotomias do trabalho (concreto e abstrato) e do valor (de uso e de troca), Marx se dedica a uma análise diacrônica do valor, o que não pode deixar de ser uma análise da história da mercadoria e do seu desenvolvimento através das diferentes formas econômicas. Ele observa que o valor transitou de uma forma simples, individual ou ocasional até atingir uma nova qualidade: a forma-dinheiro. E aqui temos um ponto também abordado por Saussure, a relação entre forma e substância na noção de valor, quando o autor destaca que “nunca nos compenetraremos bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras de designar as coisas da língua provêm de uma suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 141).

Marx define o dinheiro como uma mercadoria que funciona como medida de valor e, desse modo, também como meio de circulação, seja em seu próprio corpo ou por meio de um representante (MARX, 2013[1867], p. 203). E, em outra parte, o preço ou a forma-dinheiro das mercadorias é, como sua forma de valor em geral, distinto de

sua forma corpórea real e palpável, portanto, é apenas uma forma ideal e representada. (MARX, 2013[1867], p. 170).

Temos, portanto, que o valor é a forma que a substância trabalho toma no processo da troca de mercadorias. Essa forma, também na troca, desenvolveu-se em uma outra forma, a forma-dinheiro, que é a expressão monetária do valor, uma forma aparente que não substituiu mas mistificou (fetichizou) a forma valor.

A noção de valor em Saussure e Marx

Levantamos a perspectiva de comparar ambos os conceitos de *valor* em dois aspectos: 1) o conceito de troca; 2) a relação entre forma e conteúdo.

Em relação ao primeiro aspecto, nos parece evidente que ambos os autores levantam a tese de que *valor* é uma forma que aparece no ato da troca. *Valor*, portanto, é a forma através da qual se comparam coisas diferentes (semelhantes ou não), a partir de características quantitativas e qualitativas e dentro de uma determinada relação social.

Saussure, diferentemente de Marx, não pode perceber corretamente a unidade entre diferença e igualdade no interior do processo da troca. Ele pode perceber que apenas coisas diferentes podem ser trocadas, o que é verdade. Não percebeu, entretanto, que as coisas que são diferentes são, ao mesmo tempo, iguais em algum sentido e, por serem também iguais, é que podem ser trocadas.

Destacamos, aqui, que o *valor* apenas existe no interior de uma relação social. A valoração aparece com o outro, e também e ao mesmo tempo, no outro. Apenas na relação entre, no mínimo, dois seres humanos é possível estabelecer uma troca, uma relação de valor. Sendo assim, e é, é aquilo que é humano o que iguala coisas que são diferentes.

São, portanto, características e produtos humanos os que são igualados em um processo de troca de coisas diferentes. Em outros termos, é aquilo que é inerentemente humano o que equipara produtos diferentes no ato da troca. É possível dizermos que o processo de troca (o *valor*) é em si (ontologicamente) uma forma que reveste uma determinada relação social.

Muito foi dito sobre essa característica da língua como relação social, em especial nas obras do russo Mikhail Bakhtin, mas o objetivo deste artigo se detém na

análise comparativa entre as obras de Marx e Saussure e não avança em pesquisas posteriores sobre a linguística.

No que se refere ao segundo aspecto, Saussure percebe claramente que o *valor linguístico* é uma forma (assim como todo fenômeno linguístico):

A Língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar os som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; esta combinação produz uma forma, não uma substância. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 131).

Também Marx o percebe em seu valor de troca:

A objetividade do valor das mercadorias é diferente de Mistress Quickly, na medida em que não se sabe por onde agarrá-la. Exatamente ao contrário da objetividade sensível e crua dos corpos das mercadorias, na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural. Por isso, pode-se virar e revirar uma mercadoria como se queira, e ela permanece inapreensível como coisa de valor [*Wertding*]. Lembremo-nos, todavia, de que as mercadorias possuem objetividade de valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias. Partimos do valor de troca das mercadorias para seguir as pegadas do valor que nelas se esconde. (MARX, 2013[1867], p.125).

Mas Saussure evita (ou não quer, ou não consegue) estabelecer qual a substância desta forma. Este fato levanta, evidentemente, duas questões para a análise: primeiro, toda **forma** precisa, necessariamente, ter uma **substância** que a corresponda? Segundo, havendo então uma **substância**, qual é o conteúdo que corresponde à **forma valor linguístico**?

A primeira pergunta deve ser respondida pela filosofia. A concepção filosófica materialista vai responder afirmativamente, ou seja, que a forma é expressão de uma substância concreta que pode ser conhecida e que não há sentido em haver uma expressão fenomenológica sem um conteúdo correspondente. Para a concepção materialista, a forma só pode ser a expressão de uma substância concreta, que existe independentemente de nós, e que toma uma determinada expressão (forma) em nosso órgão do pensamento. Outras concepções filosóficas afirmarão que a forma pode ser

criada pela nossa mente, portanto sem a necessidade de uma substância correspondente, ou ainda, que determinadas substâncias não são passíveis de serem conhecidas.

A resposta à segunda pergunta foi dada por Marx no que concerne a seu estudo sobre mercadoria, contudo não o foi por Saussure. Para Marx, a substância da forma *valor de troca* é o Trabalho. A troca que se dá no mercado é a da substância Trabalho, que assume a forma de *valor* simples, em um primeiro estágio, e a forma dinheiro ou preço nos dias de hoje, em sua fase mais recente. Talvez não seja demais aqui definir que Marx, quando trata de trabalho, está se referindo a uma determinada relação humana que transforma a natureza e tem finalidade de produzir bens que tenham valor de uso.

Considerando que Saussure evita responder a essa segunda pergunta, um campo de pesquisa então se abre: descobrir a substância que toma a forma de *valor linguístico* no processo da troca de fonemas, palavras e estruturas gramaticais de um sistema linguístico.

A hipótese do trabalho como fonte do valor linguístico

A questão levantada neste artigo é a de ser o trabalho a substância do *valor linguístico*. É uma hipótese que define o trabalho como relação social que origina a língua, mas que também segue estabelecendo – no que se refere aos seus fatos sincrônicos – as relações de troca entre os fonemas, palavras e estruturas gramaticais que formam um determinado sistema linguístico.

De acordo com essa hipótese, as mudanças diacrônicas no trabalho (ou seja, nas relações sociais que modificam a natureza e objetivam a produção de bens necessários aos seres humanos) produzem, também e necessariamente, mudanças nos valores linguísticos.

Evidentemente, a comprovação desta hipótese exige um extenso e profundo trabalho de revisão bibliográfica das pesquisas feitas nessa área após Saussure, além da comprovação dos fatos da língua com o auxílio da fonologia. Exige uma revisão bibliográfica dos trabalhos produzidos pelos fundadores da linguística funcionalista e também pelos linguistas que fundamentaram a ideia de ser a língua um discurso que tem raiz nas relações sociais assumidas pelos humanos.

Também, um sério estudo sobre a definição filosófica da categoria **trabalho** e seu significado e transformação no decorrer de diferentes formas econômicas. Esse estudo diacrônico deve ser feito em analogia com a própria diacronia das transformações das línguas no decorrer da história. Em resumo, é um estudo que exige um importante embasamento teórico em autores de filosofia, sociolinguística e história econômica.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov). 16^a. ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009[1929]

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013[1867].

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye com colaboração de Albert Riedlinger. 27^a ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SEGAL, Luis. *Noções Fundamentais de Economia Política*. Tradução: J. Z. de Sá Carvalho. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1946.

COMPARATIVE RESEARCH ABOUT VALUE LINGUISTIC CONCEPT IN F. SAUSSURE AND VALUE CONCEPT IN K. MARX.

ABSTRACT

This article presents a comparative research about the concept of Value as described by Saussure in Course in General Linguistics and, in other side, as described by Marx in Capital. In this comparison, we reach to stabilish the rol of Linguistic Value in general linguistic theory and pontentials research areas starting this comparation. We use as methodological procedure the bibliographic research from theoretical reference that consists both works and raises the hypothesis of being the Labour category the substancy that takes the form of Linguistic Value.

Keywords: Linguistic. Value. Linguistic Value. Saussure. Marx.

Envio: junho/2017
Aceito para publicação: julho/2017